

Quarteto de Cordas de Matosinhos

11 Jun 2019

19:30 Sala 2

O ESTADO DA NAÇÃO

António Pinho Vargas

Monodía – quasi un requiem (1993; c.15min)

António Chagas Rosa

Quarteto de cordas n.º 1 (2009; c.30min)

1. *Moderato, giusto*
2. *Agitato, misterioso*
3. *Lento, immateriale*

Nuno Côrte-Real

Monumentum, in memoriam Philippe Hirshhorn, op. 37

(2009; c.15min)

António Pinho Vargas

VILA NOVA DE GAIA, 1951

Monodía – quasi un requiem

O texto que se segue foi publicado no CD *Monodía* da EMI Classics em 1995 e reeditado em 2014 nas plataformas digitais pela Warner. O seu carácter não é o de uma nota de programa habitual mas em geral tem sido publicado com alguns ajustes quando a obra é tocada.

“[...] As últimas peças compostas em Lisboa em 1993 e 1994 marcam alguns passos naquilo que sinto como uma reconquista progressiva de elementos da linguagem musical que eu conhecia mas não utilizava na escrita por razões ideológicas. Tive de montar uma “máquina de guerra” [Deleuze] com alguma ajuda porque não há maior obstáculo do que aquele que se instala dentro de nós. Em *Monodía – quasi un requiem* uso uma simples sucessão melódica e um gesto musical lírico e consonante como ponto de partida. A obra é excessiva, tensa, às vezes quase insuportável. Escrevi uma pequena teoria do grito mas perdi o papel... A ideia era que um grito é tanto mais estridente quanto mais silencioso se exprime, permanecendo ainda grito. O silêncio pode ser o mais violento dos protestos. Na nossa civilização audiovisual o silêncio é sinal de avaria, de não funcionamento. Quis fazer uma peça com um carácter fúnebre, *un requiem*, sobre o avanço da barbárie... [...]”

A obra foi estreada pelo MusikFabrik em 1993 no Teatro Rivoli e encomendada pela Câmara Municipal do Porto para as Jornadas de Música Contemporânea do mesmo ano. Foi tocada posteriormente por vários quartetos em vários países: Arditti Quartet, Artis Quartet de Viena, The Smith Quartet, Quarteto Lacerda e Quarteto de Cordas de Matosinhos, entre outros.

ANTÓNIO PINHO VARGAS

António Chagas Rosa

LISBOA, 1960

Quarteto de cordas n.º 1

Este quarteto não tem um título especial porque emana de um pensamento essencialmente musical. Não houve intenção expressa de que o seu conteúdo se reportasse quer a imagens quer a uma poética extramusical. Há, todavia, uma conformidade, esta igualmente de natureza musical, que ditou certos desenvolvimentos: a citação, do 1º tema de *A Arte da Fuga* de J. S. Bach, no início do 1º andamento, que ressurge quer de forma linear, quer transformada. Trata-se de uma invocação, funcionando como uma raga, a partir da qual brotam seus derivados e seus contrários, ao longo dos três andamentos que constituem a obra. Se o primeiro andamento tem um carácter positivo, o segundo traz consigo uma ideia de tema com variações. O terceiro andamento é contemplativo e encerra um canto longínquo. A obra termina como se quisesse dar corpo a uma criação nova, a uma descendência.

O quarteto resulta de uma encomenda feita pela Câmara Municipal de Matosinhos em 2010, através de Manuel Dias da Fonseca, a quem eu presto homenagem nestas breves notas.

ANTÓNIO CHAGAS ROSA

Nuno Côrte-Real

LISBOA, 1971

Monumentum, in memoriam Philippe Hirshhorn, op. 37

O Quarteto de cordas op. 37 de Nuno Côrte-Real remete para um universo de elevação moral e artística. Intitulado *Monumentum, in memoriam Philippe Hirshhorn*, este primeiro quarteto é o resultado de um projecto longamente pensado e amadurecido, remontando a sua origem ao ano de 1996, o ano da morte de Philippe Hirshhorn. Mas afinal quem é Philippe Hirshhorn?

No mundo da música, e da arte, aparece de tempos a tempos um desses raros artistas pelo qual perpassa uma aura de santidade, manifesta pela capacidade de sacrifício, renúncia e humildade despendidos na perseguição de um ideal. Philippe Hirshhorn foi um desses raros homens. Poucos saberão, mas ele foi um dos maiores violinistas do século XX. Nascido em 1946 em Riga, na Lituânia soviética, Hirshhorn foi o vencedor do ultra-prestigiado Concurso Internacional de Violino Rainha Elisabeth em Bruxelas, no ano de 1967. Mas o seu elevado sentido de integridade moral e artística, traduzindo-se numa alta exigência de perfeição técnica e musical, impediu o artista de embarcar numa carreira internacional, porque a busca da perfeição, enquanto sentido de dedicação

desinteressada à arte, é incompatível com o *star system*, com o culto do eu, da fama e do dinheiro que aí prevalece, e também com a sujeição servil aos empresários e às mega-editoras discográficas que no mundo musical actual imperam. Num gesto de pura liberdade e entrega, Hirshhorn decidiu ser um artista na sombra, gerindo uma carreira mais restrita mas segundo parâmetros de exigência artística, e simultaneamente dedicou-se ao ensino. Costumava dizer aos seus alunos: “é preciso que sejam heróis, mas o herói nem sempre é aquele que vence”. Personalidade paradoxal e carismática, Hirshhorn tornou-se uma personagem mítica em círculos musicais restritos, à qual o aparecimento de uma doença grave conferiu uma aura trágica. Cada concerto seu era um acontecimento. A sua abordagem das obras era sempre exemplar tanto técnica como musicalmente. O testemunho do famoso violoncelista Mischa Maisky é revelador: “Philippe Hirshhorn foi o músico mais inacreditável que já conheci. Havia nele uma espécie de poder hipnótico místico que mais ninguém tinha.” Morreu em 1996 de um tumor cerebral.

Quando, em 1996, Côrte-Real chegou à Holanda para estudar composição, cruzou-se, ainda que brevemente, com Hirshhorn, nessa altura já bastante doente e impossibilitado de tocar. A tragédia daquele homem impressionou-o. A pureza da sua entrega à arte, o sacrifício e a devoção inspiraram-no. E desde esse momento amadureceu no espírito do compositor a ideia de uma homenagem póstuma a este herói da arte musical, a qual acabaria por se concretizar em 2009 com este *Monumentum, in memoriam Philippe Hirshhorn*. Desde logo parece simbolicamente representativa a formação instrumental escolhida por Nuno Côrte-Real e a preferência por um discurso predominantemente contrapontístico. O quarteto de cordas é tido, desde sempre, como o protótipo da música pura e da música séria, para ser desfrutada por conhecedores, pois devido à homogeneidade tímbrica do conjunto a música dá-se num estado de concisão e de nudez essencial, despida de todo o supérfluo. E por isso é considerado um género nobre, e também exigente do ponto de vista compositivo, pois põe problemas específicos que exigem um domínio absoluto da escrita musical. Por outro lado, essa procura de um estilo elevado, que enalteça simbolicamente a arte musical e o ideal artístico de Hirshhorn, é reforçada pela utilização do contraponto, uma técnica originariamente associada à música religiosa. A ideia duma dimensão religiosa da arte e da música como experiência mística e transcendente é claramente sugerida através de fragmentos extraídos das *Confissões* de Santo Agostinho, que o compositor utiliza para dar título a cada uma das secções da obra. Finalmente deve acrescentar-se que, para construir este *Monumentum*, Côrte-Real inspirou-se e procurou transportar para música as linhas, os ângulos e a geometria sideral do mestre Álvaro Siza Vieira.

AFONSO MIRANDA

Quarteto de Cordas de Matosinhos

Vitor Vieira violino

Juan Maggiorani violino

Jorge Alves viola

Marco Pereira violoncelo

Aclamado como um “caso singular de excelência no panorama musical português” (Diana Ferreira, Público, 2010), o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) foi criado pela Câmara Municipal de Matosinhos através de um concurso público. Desde 2008 é residente desta cidade, onde desenvolve uma temporada regular de concertos.

Na temporada de 2014/15, o QCM foi escolhido como uma das ECHO Rising Stars, por nomeação da Casa da Música e da Fundação Gulbenkian, realizando uma tournée de 16 concertos em algumas das mais importantes salas de concerto europeias, como o Barbican em Londres, o Concertgebouw em Amesterdão, o Musikverein em Viena, as Philharmonies de Hamburgo e Colónia e a Konzerthaus de Dortmund. Apresenta-se também regularmente nas maiores salas de concerto portuguesas, como a Casa da Música, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Centro Cultural de Belém, e colabora com alguns dos mais destacados músicos portugueses, tais como Pedro Burmester, António Rosado, Miguel Borges Coelho, António Saiote, Paulo Gaio Lima e Pedro Carneiro.

Desde a sua criação, o QCM assumiu um forte compromisso com o repertório português para quarteto de cordas, interpretando muitas obras menos conhecidas e abraçando novas obras de compositores contemporâneos: estreou já mais de 20 novas obras. O outro principal objectivo artístico do QCM vem sendo cumprido com a interpretação em Matosinhos do grande repertório para quarteto de cordas: as obras completas de Mozart e Mendelssohn foram já apresentadas, estando em curso as integrais de Haydn, Beethoven e Chostakovitch.

O QCM e os seus membros foram reconhecidos com prémios nos mais importantes concursos musicais nacionais, como o Prémio Jovens Músicos da RDP e o Concurso Internacional de Música de Câmara “Cidade de Alcobaça”. Todos os membros estudaram na Academia Nacional Superior de Orquestra e aperfeiçoaram a sua arte em várias escolas de prestígio, incluindo a Escuela Superior de Música Reina Sofia (Madrid), a Northwestern University (Chicago) e o Conservatório de Sion (Suíça). O QCM também realizou formação especializada no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, onde estudou com Rainer Schmidt (violinista do Quarteto Hagen), além de trabalhar em masterclasses com membros de grandes quartetos de cordas, como Alban Berg, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer, Kopelman e Talich.